



Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares

Pensando a clínica da primeira infância (vols. 1 e 2)

Organizadora: Maria Cecília Pereira da Silva
 Editora: Blucher, 2022, 390 p. (vol. 1) e 358 p. (vol. 2)

Resenhado por: Rosely Gazire Melgaço,¹ Belo Horizonte

Pensando a clínica da primeira infância, *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares*, em dois volumes, vem compor, no cenário psicanalítico, uma reunião de textos fundamentais na atualidade. Revela-se uma obra de referência, pois apresenta produções que iluminam a contribuição da psicanálise no desvelamento dos alicerces da constituição psíquica, a todos os que estão comprometidos com esse campo do saber, sendo portanto de extrema importância não só para os que se dedicam à clínica com crianças.

A coletânea apresenta produções da jornada de 2019 da Clínica 0 a 3, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), grupo que reúne profissionais atuantes nesse campo clínico e que é coordenado por Maria Cecília Pereira da Silva, também organizadora dos volumes.

Na introdução, a organizadora utiliza esta epígrafe de Mia Couto: “Na barriga da mãe, não se tece apenas um corpo. Fabrica-se uma alma” (vol. 1, p. 19). Assim, já anuncia a sensível profundidade sob a qual os livros foram construídos. É uma obra que canta e encanta, tal a musicalidade implícita no ritmo de escritas que nos envolvem e revelam o enlaçamento em movimento da teoria e da clínica.

Com isso, o projeto empreendido pela Clínica 0 a 3 tece mais uma volta por entre os desafios da tessitura da clínica pais-bebês, campo clínico que, com suas vicissitudes, exige a delicadeza da invenção e, principalmente, preparo e sensibilidade para uma escuta eficaz dos sofrimentos psíquicos.

1 Psicóloga. Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Belo Horizonte/Iepsi, da Preaut Brasil, da Rede Internacional de Estudos de Psicopatologia e Psicanálise do Infans (Rieppi) e da associação La Cause des Bébés.

Os artigos aqui presentes testemunham tal condição, com o aporte de uma escrita clara e consistente, ao tratarem de assuntos tão complexos e inéditos com a ancoragem em experiências extraídas da práxis.

Os temas abordados nos dois volumes seguem esta organização, que em si já apresenta a qualidade do fio condutor: Parte I – Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: pensando a clínica 0 a 3. Parte II – Recursos interpretativos, teoria e técnica psicanalítica da clínica 0 a 3. Parte III – Recursos constitutivos do olhar psicanalítico: observando o psiquismo primitivo. Parte IV – Recursos psicanalíticos diante de indicadores precocíssimos de risco. Parte V – Recursos tecnológicos: andaimes construtivos ou substitutos imediatos dos cuidados parentais? Parte VI – Recursos terapêuticos de uma clínica multidisciplinar. Parte VII – Recursos presentes na clínica transcultural.

Com essa estrutura, encontramos um percurso teórico e da prática clínica que delinea as marcas de sulcos de conteúdos fundamentais. Entre eles, as fronteiras, as barreiras e a construção da parentalidade; a microscopia psicanalítica como recurso estrutural; a leitura afinada para além dos sintomas, resistências e distúrbios; os processos de vivência traumática e angústia, que permeiam a relação pais-bebês; as ações interpretativas nas intervenções realizadas nessa clínica dos primórdios; a integração dos pais nos tratamentos; o acolhimento a tempo de crianças com indicadores de risco; a direção proposta em práticas e consultas terapêuticas; a atenção às situações de desenraizamento, à cultura da família e à dimensão sociocultural; os encontros e desencontros nas relações pais-bebês; as modalidades da posição e das funções exercidas pelos pais; as contribuições do método Bick de observação; as particularidades reveladas em adoções; os hiatos da parentalidade; os legados e transmissões intergeracionais e transgeracionais; os avatares da tecnologia; a clínica multidisciplinar; as revelações psicossomáticas; a clínica transcultural; os atributos da linguagem verbal, não verbal e sensorio-motora; as indicações sobre a vida fetal; os impasses da subjetivação; a apetência psíquica do bebê; e a nutrição simbólica.

Cabe destacar que os textos evidenciam a abertura de possibilidades no trabalho de resgate das vias da parentalidade, por vezes fragilizada e inoperante por questões várias. Trata-se de apontamentos da máxima importância para os profissionais que se dedicam à clínica das origens, quando consideramos todas as problemáticas que têm sobressaído nos tempos atuais.

Victor Guerra, um dos autores, com sua afinada escuta nas conjunturas psicanalíticas, indica-nos que “coloca uma ‘orelha’ do lado da metapsicologia individual da criança e a outra ‘orelha’ no desejo dos pais e sua influência na formação (ou consolidação) do sintoma da criança (perspectiva intersubjetiva)” (vol. 1, p. 191).

Outro aspecto relevante é serem livros que enlaçam a diversidade, tanto pela participação de autores de várias disciplinas quanto pela amplitude que mostram nas referências bibliográficas, com o peso de estudiosos que agregam conhecimento ao campo em questão.

As contribuições da psicanalista Régine Prat, convidada internacional para a jornada de 2019 que originou esta coletânea, merecem destaque. Com traçados precisos ao tratar do psiquismo, põe em cena, para reflexão e discussão, a clínica psicanalítica com os pequenos e suas famílias, desde a vida intrauterina, uma abordagem das especificidades desse campo com uma competência rigorosa e, ao mesmo tempo, com o cuidado que sabemos ser indispensável. Sua transmissão presenteia-nos com textos de marcante elaboração, verdadeiros tratados dos aspectos comumente presentes nas experiências de trabalho nesse campo, que oferecem luz aos praticantes para as intervenções com o bebê, a mãe, o pai, a família e a rede no entorno.

Os artigos de Régine Prat realçam a relevância da força produtiva da clínica pais-bebês e a aposta no trabalho psicanalítico. Sublinham que, em nossa formulação de interpretações, uma paleta de nuances permite gradações no nível de atividade e o revelar da implicação de nossa presença.

A autora alerta ainda para a necessidade de considerar o impacto emocional sobre o analista que emerge nessa clínica, pontuação que nos conduz à ampla questão da formação dos analistas – segundo ela, a “única possibilidade de encontrar um sentido e de impedir que a situação analítica se torne um quadro vazio” (vol. 2, p. 69).

Nessa direção, temos as palavras do escritor Mia Couto (2019): “Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim, devo por bem apagar as minhas, no sentido de me tornar disponível para o outro”.

Uma marca fundamental, que transborda no contexto geral das escritas apresentadas, é a disponibilidade interna, o entusiasmo e o compromisso revelados pelos autores com o trabalho, que fazem do investimento profissional um labor efetivo e afetivo. Sim, certamente, afeta a nós, leitores, uma transmissão assim desenhada e, dessa forma, nos põe a trabalho como sujeitos desejan-tes.

Referências

Couto, M. (2019, 25 de julho). [Atualização de status]. Facebook. <https://cutt.ly/JMSfegf>

Rosely Gazire Melgaço
roselygazire@gmail.com